

O poder de pertencer: processo de projeto e concepção de uma praça dentro da periferia de Maceió através de metodologia participativa.

The power to belong: process of design and design of a square within the periphery of Maceió through participatory methodology.

El poder de pertenecer: proceso de diseño y concepción de una plaza dentro de la periferia de Maceió a través de metodología participativa.

CARNEIRO, Ana Karolina

Mestranda, UFAL, karolcorado@gmail.com

RESUMO (100 a 250 palavras)

O presente artigo intenciona demonstrar maneiras alternativas de penetrar as barreiras de modificação e produção do espaço urbano, ao se debruçar no processo de projeto e concepção de uma praça dentro de uma comunidade periférica, com o uso de metodologia participativa, atuando de modo a transfigurar parte da paisagem deste território. Através de dinâmicas que se utilizam da visão lúdica da arquitetura, pertinente para desenvolver uma apreensão cognitiva que relaciona as formas de pensar, necessidades e comportamentos do morador, o estudo consegue ultrapassar a prática comum de identificar problemas e modificar espacialmente o lugar com a construção de uma praça.

PALAVRAS-CHAVES (3 a 5): periferia, metodologia participativa, praça.

ABSTRACT (100 to 250 words)

The present article intends to demonstrate alternative ways of penetrating the barriers of modification and production of the urban space, by focusing on the process of designing and designing a square within a peripheral community, using a participatory methodology, acting in a way to transfigure part the landscape of this territory. Through dynamics that use the playful vision of architecture, pertinent to develop a cognitive apprehension that relates the resident's ways of thinking, needs and behaviors, the study can overcome the common practice of identifying problems and spatially modifying the place with the construction of a square.

KEY WORDS (3 a 5): periphery, participatory methodology, square.

RESUMEN (100 a 250 palabras)

El presente artículo intenta demostrar maneras alternativas de penetrar las barreras de modificación y producción del espacio urbano al ocuparse en el proceso de diseño y concepción de una plaza dentro de una comunidad periférica, con el uso de metodología participativa, actuando para transfigurar parte del paisaje de este territorio. A través de dinámicas que se utilizan de la visión lúdica de la arquitectura, pertinente para desarrollar una apreensión cognitiva que relaciona las formas de pensar, necesidades y comportamientos del morador, el estudio logra superar la práctica común de identificar problemas y modificar espacialmente el lugar con la construcción de una plaza.

PALABRAS CLAVE: periferia, metodología participativa, plaza.

1 INTRODUÇÃO

As áreas urbanas são, em sua maioria, sistemas de interação e representação de grupos plurais que formam uma complexa estrutura física, a que chamamos de cidades. Estas são o encontro de interações flexíveis, complexas e desiguais, que assumem organizações próprias, de modo a tornarem-se produtivas. A condição brasileira na era globalizada e os impulsos a modernização em âmbito científico, tecnológico e informacional, não foram capazes de alterar o paradigma da produção do espaço em suas cidades. O desenvolvimento urbano é classicista ao fundamentar as oportunidades das cidades em imagens e símbolos criados de maneira restritiva a algumas classes socioeconômicas.

Além disso, a concentração cada vez mais acelerada de pessoas no espaço urbano, tem resultado em uma elevada densidade de comunidades instaladas de forma irregular em áreas ditas impróprias. Estas comunidades ao serem analisadas quanto as áreas que apropriam, muitas vezes ultrapassam em termos de proporção as áreas da cidade ocupadas dentro da formalidade, o que acentua a necessidade de compreensão destes territórios por parte do arquiteto e urbanista.

O lugar diferencia-se de um espaço pelos usos, sentimentos e sensações proporcionadas não somente as pessoas, mas pelas pessoas, o que reforça a relação direta do corpo humano com o ambiente para que este tenha sustentabilidade em gerar um valor e exercer uma função. Ao relacionar estes lugares, intrinsecamente se reconhece sua relação fenomenológica com o corpo humano, que segundo Montaner (2012) é definida por substantivos, detalhes, qualidades de seus elementos e valores simbólicos e históricos. Estas questões mobilizam a refletir sobre a qualidade de vida das nossas cidades, da relação das pessoas com o espaço construído e assim do uso de metodologias utilizadas para se planejar ou requalificar um lugar.

Assim, com o intuito de demonstrar maneiras alternativas de penetrar as barreiras de modificação e produção do espaço urbano, é que o artigo se debruça no processo de projeto e concepção de uma praça dentro de uma comunidade periférica, com o uso de metodologia participativa, atuando de modo a transfigurar parte da paisagem deste território. Através de dinâmicas que se utilizam da visão lúdica da arquitetura, pertinente para desenvolver uma apreensão cognitiva que relaciona as formas de pensar, necessidades e comportamentos do morador, o estudo consegue ultrapassar a prática comum de identificar problemas e modificar espacialmente o lugar com a construção de uma praça.

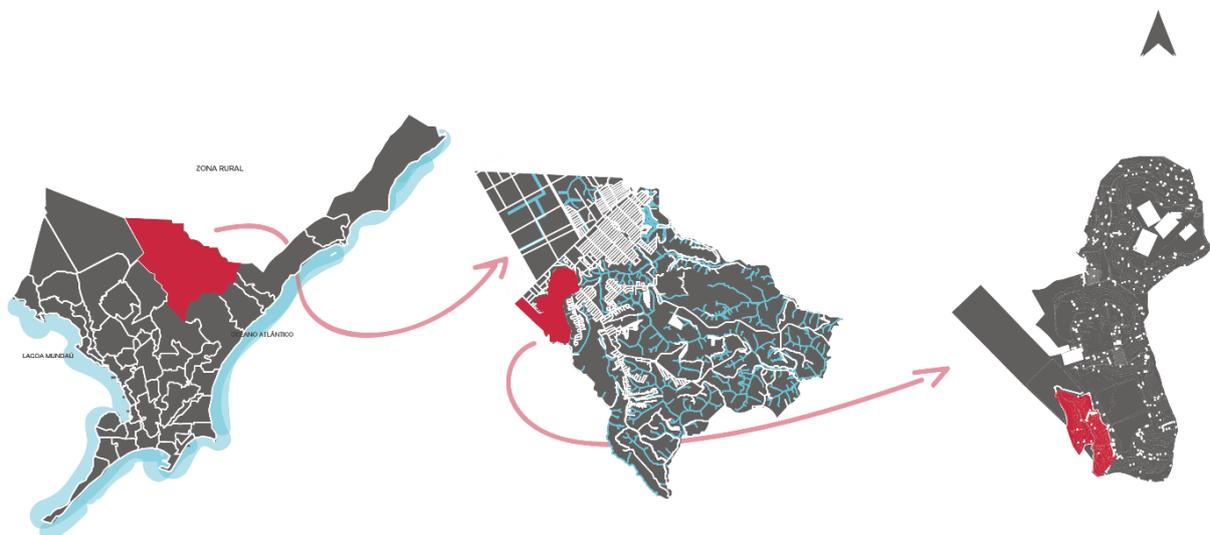
Dentre as tantas formas de ajuntamentos populacionais existentes em áreas marginais no Brasil, este trabalho se desenvolve em comunidades estabelecidas em Grotas, por se tratar de uma

apropriação histórica da cidade de Maceió. Progressivamente, a característica ambiental de Maceió, que é capilarizadas por uma quantidade considerável de cursos d'água formando as grotas, ampliou-se a característica de favela, sendo ocupadas por comunidades precárias, com ausência de infraestrutura básica e serviços públicos.

2 NA DESCIDA DA GROTA DA ALEGRIA

Este trabalho foi realizado no trajeto da rua São Benedito inserida na Grota da Alegria, no bairro do Benedito Bentes, no extremo norte do Tabuleiro da cidade de Maceió – Alagoas, Brasil, como mostra a figura 1.

Figura 1: Diagrama de localização da área de estudo, grota da Alegria, Maceió - AL.



Fonte: Google Earth, 2016. (Adaptada pela autora, 2018).

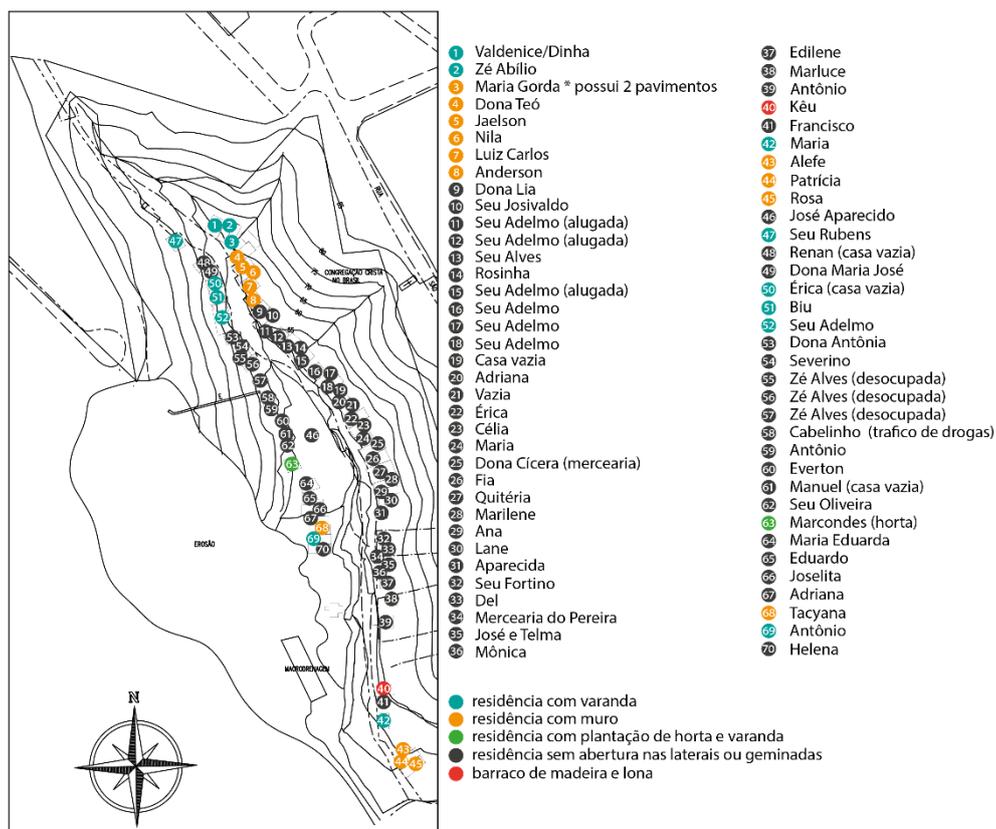
Os 500 metros de extensão que definem a área de estudo, considerada a principal rua de acesso à Grota da Alegria. Engloba cerca de 100 moradias presentes no local, que de acordo com dados coletados em entrevistas, têm como característica uma maioria desempregada que sobrevive através de recurso governamental. Ademais, a problemática socioeconômica incorpora o âmbito da infraestrutura urbana, já que o trecho não conta com arruamento pavimentado, pontos de ônibus, praças urbanizadas ou mesmo escolas, havendo se instalado apenas edificações de uso habitacional e uma pequena mercearia que vende produtos de primeira necessidade.

Estas características enfatizam que uma resposta metodológica envolvendo a comunidade local, tornam concreta e sustentável às alterações de um espaço físico utilizado por uma comunidade, sendo a participação dos moradores importante para além de questionamentos sobre seus desejos e dificuldades enfrentadas no dia a dia. Ao se tornarem construtores do seus próprios espaços, a

comunidade se apropria do lugar como criadora da identidade do mesmo, tornando a considerar sua percepção espacial como a capacidade de apreender e processar as informações que este comunica através de seus signos, sendo uma experiência empírica totalmente relacionada ao modo como o indivíduo se localiza e se orienta no meio.

Durante a caracterização do local, se percebeu que as construções se localizam na parte mais baixa da grota, onde é menos íngreme, e apesar de se encontrar inserida em área verde, apenas uma habitação usufrui da terra para o plantio com o cultivo de horta. A totalidade das construções em análise tem caráter habitacional, mesmo aquelas que utilizam de parte de sua casa para estabelecerem comércios vicinais, intuindo atender as necessidades básicas do morador com a venda de produtos de pequena necessidade como alimentos perecíveis, não apresentam modificação física da residência. Além dos comércios vicinais, outras dinâmicas fazem parte da realidade latente da área, como é o caso do tráfico de drogas.

Figura 2: Mapa cartográfico dos moradores da área e da caracterização do uso da arquitetura local.



(Fonte: Produzida pela autora, 2018).

Apesar da área não transmitir uma sensação de local super adensado, não lhes restaram muitos “vazios urbanos”, em síntese os vazios se resumem as áreas de transição do trecho, ou áreas de encosta. Praticamente todo espaço passível de haver habitação foi ocupado ou possui um dono, há moradia inserida até mesmo nas margens do riacho, que além de poluído tem o aumento das suas águas nas épocas de chuva, colocando em risco a integridade da edificação.

Na área, geralmente os moradores detém “seu direito a posse” através de uma política preestabelecida dentro da dinâmica local de compra e venda, desta forma aqueles que possuem o terreno sem nenhuma edificação construída o garante através do cuidado de seus vizinhos. Ao não possuir locais que atendam além das necessidades de habitar, o trecho deixa externo a ele sua demais funções sociais, de bem estar e lazer para a comunidade. Onde, a menos que se opte por entretenimentos e comércios próximos, estas deixam de existir na vida do morador. A moradora Maria Cícera de 73 anos, que possui uma Residência com caráter geminado, sem abertura lateral, chegou a comentar quando questionada sobre o convívio social e atividades de lazer: “Me reúno aqui na rua, nas portas das casas, mas se tivesse uma praça, eu era a primeira a estar”¹.

3 DINÂMICAS PARTICIPATIVAS

A partir da compreensão geral do local e da identificação de seus moradores, optou-se por dinâmicas participativas, direcionadas ao que se considerou ser necessário para uma complementação de informações e um fortalecimento do vínculo com a comunidade local. Deste modo, se utilizou: Alegria na gente, que funciona através da mídia *Instagram* e busca abranger uma maior variedade do tipo de público; Árvore dos sonhos, direcionada a faixa etária infantil; Quanta luz há em uma vela? idealizada pela autora e direcionada a faixa etária adulta; A Maquete física, direcionada à faixa etária infantil e que proporciona localizar espacialmente desejos e propostas dos usuários do espaço e; Intervenção física, que contou com a participação majoritária de crianças.

“ALEGRIA NA GENTE”

“Alegria na Gente” para além de uma aplicação puramente metodológica, funcionou como uma forma de permear as fronteiras que distanciavam a autora, da comunidade. Em síntese, a criação de uma conta na mídia social *Instagram* se utilizando de uma identidade visual afetiva, funcionou como um canal de comunicação entre os usuários do trecho em estudo na Grota da Alegria. Com o uso do celular, as pessoas puderam dialogar de maneira mais pessoal, com comentários em fotografias, vídeos e enquetes se apropriando daquele espaço virtual para partilhar seu olhar e opiniões. Chegando a 62

¹ Trecho de entrevista em outubro de 2017, na grota da Alegria (Maceió-AL).

seguidores, denominação dada aos usuários virtuais passíveis de interagir com a página, a ferramenta possibilitou a análise dos espaços pelo olhar do morador, através da fotografia, registro de uma percepção sensorial particular com o local.

Figura 3: Diagramação de localização das fotografias dos moradores: 1: Visualização da rua São Benedito, de terra batida e cheia de declives e buracos; 2, 3 e 5 :Visualização das águas poluídas do rio Jacarecica após passar pela macrodrenagem 4: Visualização de uma criança, moradora do trecho estudado, carregando peso para a lavagem dos porcos; 6: Visualização da margem do córrego poluído.



Fonte: Diagrama produzido pela autora, 2018.

Pode-se dizer que o espaço virtual foi um ponto chave para estabelecer uma comunicação direta com os moradores, além de estimular a discussão do pensar o próprio lugar. As fotografias enviadas pelos moradores dão ênfase à problemas evidenciados na caracterização, de um modo geral, vinculados a falta de infraestrutura local, que tornam-se elementos táteis e visíveis presentes na vida do cidadão. Além disso, por meio desse, iniciou a organização de uma intervenção espacial efêmera com a festividade de dia das crianças, realizada por moradores do local e até de outras partes da periferia, conhecidos da vizinhança.

É importante frisar, que não era costume haver tal festividade dentro da grota. Nos anos anteriores, a mesma ocorria nas proximidades, na parte menos precária da cidade. No entanto, foram muitos os envolvidos para que o evento acontecesse da melhor maneira possível, desde a mobilização

para doação de brinquedos, até as divulgações e planejamento das atividades desenvolvidas no evento, contando com um forte apoio de moradores que se propuseram a monitorar as brincadeiras e ajudar a interagir com as crianças, do líder comunitário e da empresa de ônibus Real Alagoas. Cerca de 80 crianças puderam não apenas receber brinquedos, dentro do lugar onde habitam de fato, assim como se apropriar das áreas livres do trecho para exercerem atividades diferentes das que estão habituadas no dia a dia.

Figura 4: Fotografias referentes as brincadeiras de cabo de guerra, dança da cadeira e corrida de saco, respectivamente.



Fonte: Produzida pela autora, 2018

A ação ocorreu por toda a parte da manhã, iniciando as 9 horas e se encerrando as 13 horas. Dentre as atividades realizadas estavam: Corrida de saco (sugerida por morador local), cabo de guerra (sugerida por morador local), entretenimento com palhaço (sugerido por morador local), dança da cadeira, pintura facial, dinâmica “Árvore do Sonho” e lanche. Além de se utilizar do espaço comum, a dinâmica contribuiu para aproximação com os moradores, de forma a ganhar a confiança deles, fundamental para as dinâmicas que se seguiram.

“ÁRVORE DOS SONHOS”

Aproveitando a concentração de crianças no dia das crianças, foi realizada a dinâmica “árvore dos sonhos”, uma metodologia participativa que busca levar a uma reflexão sobre a importância de cada indivíduo ter objetivos, sonhos, projetos e procurar concretizá-los. As vinte crianças participantes da dinâmica, receberam a atividade como uma brincadeira, pedindo para compartilhar suas ideias quando viam seus colegas expressando seus desejos para o lugar, colocando-os no papel por meio de desenhos ou frases que pudessem traduzir suas vontades de mudar a paisagem. Todas sem exceção evidenciaram o desejo de um local destinado ao lazer.

Figura 5: Fotografias referente a *Árvore dos Sonhos*, dinâmica realizada no dia das crianças no trecho em estudo na Grotta da Alegria.



Fonte: Produzida pela autora, 2018.

Através da dinâmica foi possível evidenciar o desejo por um espaço destinado ao lazer dentro da Grotta da Alegria. Pode-se afirmar que entre os vinte desenhos elaborados, dezesseis representaram em seus desenhos referências de parques e praças, ilustrando espaços verdes equipados com mobiliários destinado ao estar e ao lazer, com elementos como árvores, bancos, pula-pula, piscina ou brincadeiras que estivessem vinculadas aos mesmos. Os outros quatro desenhos, apesar de não se referirem ao espaço comum, representavam sentimentos como amor ou mesmo brinquedos como carrinho de corrida.

“QUANTA LUZ HÁ EM UMA VELA”

Diante das informações levantadas com as metodologias anteriores, percebeu-se a necessidade de apreender as opiniões sobre o lugar de maneira mais plural, introduzindo o uso de uma ferramenta com foco em adultos, buscando confrontar os dados adquiridos com crianças durante a dinâmica intitulada como “Árvore dos Sonhos”, afim de perceber elementos em comuns suas perspectivas. Idealizada pela autora “Quanta luz há em uma vela”, busca evidenciar que uma vela por si só não é passível de iluminar qualquer coisa, a menos que alguém se disponha a acendê-la. Sendo assim, a dinâmica esta baseia em 3 pontos principais: 1. Espelho cidadão; 2. Ajudador consciente e 3. Auto descobridor.

Seu procedimento ocorre da seguinte maneira: Uma folha em branco, junto a um lápis ou caneta são distribuídos a cada morador. A partir disso, é realizada uma pergunta à qual a autora denominou de espelho cidadão, onde o questionamento é levantado baseando em indagar qual o local da cidade que o morador gostaria de morar e por que? A ideia é que o morador tente refletir seu desejo de cidade evidenciando o motivo que o faz apreciar outro local não tão distante do próprio.

Durante esta etapa nenhum dos oito moradores aos quais se aplicou a dinâmica pensou em outro local da cidade que gostaria de morar. Isso porque segundo eles, todos possuem um forte apego ao lugar morando no mesmo a mais de 25 anos ou desde que nasceram. Além do tempo, os vínculos afetivos estabelecidos reforça o motivo, já que aqueles que não possuíam membros da família instalados na grota, apresentavam com seus vizinhos uma relação quase familiar, demonstrando haver uma rede de relações bastante consolidada.

Posteriormente, foi questionado o que cada morador estava verdadeiramente disposto a fazer para modificar seu espaço, de modo a potencializar ou recriar aquilo que apreciam na cidade. É o que foi denominada a etapa Ajudador-consciente, propondo estimular o morador a tentar achar soluções simples aos problemas ou *déficits* por eles enfrentados. Seguindo, é entregue uma vela a cada participante, onde devem acendê-la e queimar o que ilustraram. Assim, em um novo papel em branco, escrevem com o lado contrário da vela algo que pensaram poder tornar a existir no lugar, com base no que se comprometeram a ajudar individualmente. Estimulados por acreditarem que ninguém poderá ler suas respostas, eles tendem a ser mais ousados em suas e a inibir qualquer timidez.

Figura 6: Fotografias referente a “Quanta Luz há numa vela?”, dinâmica realizadas com adultos no trecho em estudo na Grota da Alegria.



Fonte: Produzida pela autora, 2018.

Esta etapa contribui para um forte senso de mobilização por parte dos moradores, que citaram elementos: 1. Saneamento, calçamento, acessibilidade; 2. Segurança para ir e vir sem risco de assalto; 3. Lazer e quadra para jogar bola; 4. Saneamento; 5. Posto Médico, porque não possuem nenhum auxílio médico próximo - sendo comum que gestantes saiam da grota com o auxílio de carros de mão; 6. Uma academia simplesinha; 7. Uma praça; 8. Paz. Para estas questões, os moradores pensaram como principais soluções tirar partido dos anos eleitorais, afim de melhorar aspectos mais complicados, voltados a infraestrutura, bem como requerer auxílio do líder comunitário para agregar atendimentos médicos mais próximos. Entretanto, também foram pensadas alternativas simples para sanar necessidades de lazer, como limpar os espaços existentes e demarcá-los para se jogar bola. Foi da

vontade de uma moradora que o lazer fosse alinhado com a saúde, sendo implantada uma academia pública na área.

Finalmente, na etapa auto descobridor, moradores esboçaram surpresa e risada quando seus desejos foram revelados pelas cinzas das velas. Começaram a expressar suas opiniões de maneira mais clara, gerando uma grande discussão sobre o trecho da Grotta da Alegria pertencente a Rua São Benedito. Em síntese, conclui-se que semelhante aos sonhos das crianças, os adultos também desejam áreas referente ao lazer e ao convívio e bem estar social, entretanto, estes também já possuem desejos maiores ligados diretamente com segurança, saúde e acessibilidade, problemas mais latentes do lugar.

Posteriormente a este evento, o líder comunitário local, que participou da dinâmica, conseguiu por meio de auxílios políticos a inserção do atendimento semanal de um dentista, um psicólogo e um clínico geral de forma permante no Centro Comunitário local, que engloba não apenas a comunidade da grotta, mas também sua vizinhança.

MAQUETE FÍSICA

Levantadas as opiniões dos moradores, a autora retornou a grotta para reunir os envolvidos e apresentar a síntese do apreendido. Em um primeiro momento a maquete física do trecho em estudo, foi utilizada para discutir quais modificações poderiam ser realizadas com a utilização e o local no qual se realizaria este desejo. Foi então aplicada em um pequeno grupo de quatro mulheres e um homem que se encontravam reunidas na porta de uma moradia, e em um grupo de nove crianças, com idade entre 4 e 9 anos, que chegaram a um acordo de que o objetivo da intervenção seria a implantação de elementos que configurassem uma praça, proporcionando o lazer e o convívio da comunidade.

Figura 7: Localização de desejos na maquete física do terreno escolhido para realizar a intervenção.



Fonte: Produzida pela autora, 2018.

A praça começou a ser projetada de maneira mais detalhada, elencando seus elementos e especializando-os. Surgiram escorregador, pula-pula, balanço, bancos, árvores, plantas, carrinhos e piscinas- todos elementos que já tinham sido identificados através da metodologia da “Árvore dos sonhos”; entretanto, desta vez foram sugeridos outros elementos como: banheiro, biblioteca, aviãozinho de brinquedo, pinturas nas paredes locais, lixeiros, bonecas, trave de futebol, além de índios e letras do alfabeto, entretanto o elemento que mais chamou atenção foi o pedido de Adriano de 7 anos, que enfatizou seu desejo da utilização da praça pelas pessoas.

Optou-se por não descartar nenhum dos elementos pensados para a praça, sendo definidos materiais versáteis, os quais serviriam como foco da procura, para que então a prioridade dos objetos fosse realizada no dia da intervenção. Dessa forma todos seriam responsáveis por tentar encontrar: tábuas de madeira, pneus, tintas e mudas de plantas, além de recorrerem a materiais de construção, limpeza e jardinagem que já possuíam em casa. Proporcionando que o processo se concentrasse na reciclagem e aproveitamento de materiais, o que o torna com pouco ou nenhum custo.

4 CONCLUSÃO

Passada uma semana conseguiu-se juntar: 12 pneus, cerca de 50 tábuas, 10 pallets, 1 tábua de madeira, 5 mudas de Craibeiras, 5 mudas de planta Sabão, além de cerca de 30 livros e um pula-pula confeccionado com pneus, ambos originados de doação. Estes elementos, proporcionaram a confecção de 3 bancos, 10 plantações de mudas, um deck, uma biblioteca, uma “parede” em pallet, um pula-pula, uma amarelinha desenhada no chão. Além destes elementos o banheiro que já havia construído no terreno cedido para a intervenção incrementou na realização de uma pracinha que atendesse aos requisitos das propostas de projeto anteriores.

A elaboração do lugar ocorreu de forma orgânica, cada um foi confeccionando o que sentia vontade sem deixar nada por fazer. Após esta intervenção a palavra colaborativa se tornou extremamente clara, várias ideias, formas de pensar e fazer uniram-se transformando o que antes era apenas uma fundação de terreno em uma praça viva e cheia de alegria. Além dos moradores locais participaram da intervenção alunas da Universidade Federal de Alagoas e um artesão que se propôs a ensinar as crianças a confeccionarem os bancos com segurança.

Mesmo com forte calor e da pouca idade, as crianças agiram com maestria, pregaram, pintaram, cavaram e plantaram com um sorriso enorme no rosto. A transfiguração do espaço se transformou em uma grande brincadeira, mesmo após todo o trabalho de intervenção, as crianças não queriam sair de

lá, o que demonstra pequenos traços da modificação da dinâmica ocorrida no trecho, além da forte afetividade e cuidado com o que foi construído em conjunto como pode ser percebido na figura 8.

O uso de uma resposta metodológica humanizada, concreta e sustentável às alterações de um espaço físico utilizado por uma comunidade, coloca a participação dos moradores como fundamental para além de questionamentos sobre seus desejos e dificuldades enfrentadas no dia a dia. Ao se tornarem construtores do seus próprios espaços, estes se apropriam do lugar como criadores da identidade do mesmo, tornando a considerar sua percepção espacial como a capacidade de apreender e processar as informações que comunica através de seus signos, sendo uma experiência empírica totalmente relacionada ao modo como o indivíduo se localiza e se orienta no meio.

Figura 8: Montagem com fotografias referentes a Intervenção realizada no trecho em estudo da Grotta da Alegria.



Fonte: Produzida pela autora, 2018.

5 REFERÊNCIAS

ALAGOAS. Prefeitura Municipal de Maceió. Maceió, 2012.

DAVIS, M. Planeta Favela: A involução urbana e o proletariado informal. Tradução Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2006, 272p:il.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Maceió: IBGE, 2010, 2012.

ARQUITETURA E CIDADE: PRIVILÉGIOS, CONFLITOS E
POSSIBILIDADES

Curitiba, de 22 a 25 de outubro de 2019



MONTANER, J. A modernidade superada: ensaios sobre arquitetura contemporânea. Tradução Alicia Penna. São Paulo: Editora G. Gili, 2012.